

DIFERENTES DISPOSIÇÕES ESTÉTICAS E CULTURA ESCOLAR: A POSIÇÃO DE PIERRE BOURDIEU

Elsio Lenardão¹

 <https://orcid.org/0000-0003-3152-5515>

Resumo: No centro dos debates atuais envolvendo o sistema de ensino brasileiro há a disputa entre variadas interpretações a respeito de quais conteúdos deveriam compor o currículo da escola básica. Embora não seja vinculado imediatamente a esse debate, é possível encontrar nos escritos de Pierre Bourdieu uma posição favorável à posição “conteudista”. Dada a relevância deste autor no campo da educação, convém aproveitar sua contribuição nesse caso. Para o esclarecimento da posição de Bourdieu a favor de um conteúdo curricular escolar clássico/propedêutico, seria relevante expor sua posição e avaliação comparativa daquilo que ele denomina “cultura erudita” ou “alta cultura” diante da “cultura popular”. Isto é, sua análise a respeito dos diferentes valores epistemológicos e estéticos das diferentes experiências culturais. Este artigo apresenta um levantamento inicial de escritos de Bourdieu que ilustram sua posição diante do tema, com base na leitura exegética de alguns de seus textos e de escritos de comentadores que tratam do mesmo tema.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu; conteúdo curricular; relativismo cultural.



¹ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (1992), Especialização em Sociologia pela Universidade Estadual de Londrina (1996), Mestrado em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (1999) e Doutorado em Sociologia pela UNESP/Araraquara (2006). Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: elsiouel3@gmail.com.

DIFFERENT AESTHETIC PROVISIONS AND SCHOOL CULTURE: PIERRE BOURDIEU'S POSITION

Abstract: At the heart of current debates involving the Brazilian education system is the dispute between different interpretations of what content should be part of the basic school curriculum. Although not immediately linked to this debate, it is possible to find in the writings of Pierre Bourdieu a position in favor of the “content” position. Given the relevance of this author in the field of education, it is worth taking advantage of your contribution in this case. For clarification of Bourdieu's position in favor of a classic/propaedeutic school curriculum content, it would be relevant to expose its evaluation comparison of what he calls “high culture” or “erudite culture” against “popular culture”. That is, his analysis regarding the different epistemological and aesthetic values of the different cultural experiences. This article presents an initial survey of Bourdieu's writings that illustrate his position on the subject, based on the exegetical reading of some of his texts and of commentator writings dealing with the subject.

Keywords: Pierre Bourdieu; curricular content; cultural relativism.

DIFERENTES DISPOSICIONES ESTÉTICAS Y CULTURA ESCOLAR: LA POSICIÓN DE PIERRE BOURDIEU

Resumen: En el centro de los debates actuales que involucran al sistema de enseñanza brasileño, existe una disputa entre las diversas interpretaciones sobre cuáles contenidos deben formar parte del plan de estudios básico. Aunque no sea inmediatamente vinculado a este debate, es posible encontrar en los escritos de Pierre Bourdieu una posición favorable a la posición volcada al contenido. Dada la relevancia de este autor en el campo de la educación, conviene aprovechar su aporte en ese caso. Para aclarar la posición de Bourdieu a favor de un plan de estudios escolar clásico/propedéutico, sería relevante exponer su posición y evaluación comparativa de lo que él nombra “cultura erudita” o “alta cultura” frente a la “cultura popular”. Es decir, su análisis de los diferentes valores epistemológicos y estéticos de distintas experiencias culturales. Este artículo presenta un recorrido inicial por los escritos de Bourdieu que figuran su posición ante el tema, a partir de la lectura exegética de algunos de sus textos y de los escritos de comentaristas que abordan el tema.

Palabras clave: Pierre Bourdieu; plan de estudios; relativismo cultural.

Introdução

Para os indivíduos originários das camadas menos favorecidas, a escola permanece a única via de acesso à cultura [alta cultura/cultura erudita], e isso em todos os níveis do ensino; portanto, ela seria a via real da democratização da cultura [...] (BOURDIEU; PASSERON, 2015, p. 38).

Este artigo insere-se num esforço mais amplo de situar a posição de Pierre Bourdieu quanto ao conteúdo do currículo escolar do ensino básico, considerando a hipótese de que esse autor seria favorável à uma composição clássica do conteúdo curricular, baseada no conhecimento científico e na “estética erudita” e não defensor de uma posição “relativista”², favorável à presença da “cultura popular” no currículo, como sugerem alguns intérpretes de sua obra, como por exemplo, Bonnewitz (2003), Snyders (1977, 2008) e Soares (1994).

Bonnewitz (2003), por exemplo, toma a observação de Bourdieu de que a cultura escolar é um arbitrário cultural para inferir que este autor estaria indicando a possibilidade ou necessidade de substituição do conteúdo propedêutico por conteúdos alternativos ligados à “cultura popular”.

[...] não há nenhuma justificativa racional, segundo Bourdieu, para o fato de estudar Maupassant e não a história em quadrinhos, a pintura acadêmica e não as produções dos ‘grafiteiros’, a música clássica e não a música ‘tecno’. Do mesmo modo, fundamentar os critérios de excelência na matemática e não no latim ou no grego, é arbitrário. A seleção das disciplinas ensinadas, assim como a escolha dos conteúdos disciplinares é o produto de relações de força entre grupos sociais. A cultura escolar não é uma cultura neutra, mas uma cultura de classe (BONNEWITZ, 2003, p. 114-115, grifo nosso).

² Para efeito deste artigo, o termo “relativistas” irá referir-se, simplificada, àqueles que fazem a crítica ao predomínio, na cultura escolar, da “cultura das classes dominantes” (científica e erudita) com seu suposto caráter uniformizante, em detrimento da presença das “culturas populares” com sua presumida diversidade (SILVA, 1995).

Snyders, por sua vez, chega a sugerir que Bourdieu mostraria certo desprezo à “cultura dominante” e, por consequência, à cultura escolar predominante.

A cultura como penetração pessoal e, como mais forte razão, como arma no combate social, a ideia de um valor revolucionário da cultura, de um reforço do povo pela cultura; o esforço para distinguir entre uma utilização conservadora da cultura ou antes uma perversão conservadora e as condições em que ela se pode transformar em património do próprio povo: não basta dizermos que Bourdieu-Passeron não encaram estas questões, receamos até que eles tornem impossível apresentá-las aqui correctamente (SNYDERS, 1977, p. 295).

Na interpretação que Snyders (1977) realiza dos textos de Bourdieu, a “cultura erudita” ou a “alta cultura” seriam, para Bourdieu, apenas culturas particulares da burguesia, sem nenhum valor que extrapolasse essa origem. Sendo assim, na interpretação de Snyders (1977, p. 295), para Bourdieu, “[...] [a] luta de classes pela cultura [‘burguesa’] seria, portanto, impossível”, ou melhor, desnecessária.

Com Bourdieu-Passeron, a cultura não passa de uma comédia que a classe dominante interpreta para si mesma com o único fim de afastar todos que não pertencem à confraria; por isso o ensino só pode ser uma comédia dessa comédia, comédia de segunda ordem, transmissão teatralmente incoerente do que já não continha de facto a mínima realidade; excepto no que respeita à exclusão social dos ignorantes, isto é, das classes dominadas (SNYDERS, 1977, p. 297).³

Dentro desse propósito de verificar a posição de Bourdieu frente à cultura escolar, foi iniciada uma catalogação, organização e análise das posições de Bourdieu a respeito da estética e da epistemologia próprias da “cultura erudita”. Toma-se, primeiramente, como objeto da exegese, os textos “A distinção” (BOURDIEU, 2007b), “A reprodução” (BOURDIEU; PASSERON, 1982) e “El sentido social del gusto”

³ Este autor repete tal interpretação, a respeito de Bourdieu, em Snyders (2008). Soares (1994, p. 15, 54-55, 64) aproxima-se, também, dessa interpretação.

(BOURDIEU, 2010)⁴. Desse modo, foi possível vislumbrar uma sugestão de caracterização daquilo que Bourdieu nomina “cultura erudita” e “estética erudita” em relação às noções de “cultura popular” e “estética popular”, de modo que fica melhor esclarecida sua posição favorável à presença dos elementos da “cultura erudita” compondo a cultura escolar.

Uma primeira observação importante a respeito da posição de Bourdieu quanto à “cultura erudita” é a de que, sugerir, como o faz Bourdieu *et al.* (1986), Bourdieu *et al.* (1990), que a cultura escolar deveria ser composta prioritariamente por conteúdos da ciência e da “cultura erudita” não quer dizer que se está assumindo uma posição em defesa da “estética pura”, isto é, uma posição ingênua frente à obra de arte erudita, frente à “forma” da obra, etc. Ou, que se estaria assumindo uma “fetichização”⁵ das obras da “cultura erudita” ou dos conteúdos da ciência.

Bourdieu, quando pauta a consideração a respeito dos aspectos epistemológicos e estéticos da “cultura erudita”, observa que, antes de tudo, é preciso tomar em conta a gênese coletiva e individual da própria “cultura erudita”, ou seja, reconhecê-la como produto da história, seus vínculos de classe, suas condições materiais de produção, etc. (BOURDIEU, 2007b, p. 32). A hipótese aqui é a de que, esse reconhecimento, por sua vez, não invalidaria para Bourdieu, as qualidades fundamentais da “cultura erudita”, de tal modo a levá-lo a lamentar o fato de o acesso à essa “cultura” ser negado às classes dominadas (BOURDIEU, 1983, p. 100-102).

A “cultura erudita” como referência

Nas análises a respeito da relação entre cultura, dominação de classe e função da escola, Bourdieu toma a “cultura erudita” como referência para pensar essa

⁴ Em vários outros textos é possível encontrar avaliações de Bourdieu quanto ao alcance epistemológico e estético dos elementos da cultura erudita. Ver, por exemplo, Bourdieu *et al.* (1990), Bourdieu 1998a; 1998b, 2007a, 2007b, 2007c, 2010, 2012) e Bourdieu e Passeron (2015).

⁵ Em Bourdieu, a noção de “fetichismo da cultura” diz respeito à ideia de que certas obras culturais já nascem “cultas”, possuindo em si, em essência, um maior valor estético, independentemente de sua “dívida” com a produção artística anterior. O que não seria correto, já que tal valor estaria ligado à sua densidade histórica, e isto é que permitiria tal demonstração de “cultivada”. Outra dimensão do “fetichismo da cultura” seria achar que as condições de acesso à grande arte é assunto apenas de virtude ou de dom, quando teria mais a ver com o domínio estudado, esforçado ou não, de regras e significados das obras.

relação. Por exemplo, é mirando o capital cultural “legítimo” (“cultura erudita” e conhecimento científico) como parâmetro que Bourdieu fala em famílias “menos” ou “mais” preparadas culturalmente, mais ou menos providas de cultura.

Verifica-se essa referência na linguagem corrente utilizada por Bourdieu. É bastante frequente neste autor o uso dos termos “pobres em cultura”, “despossuídos culturais” (BOURDIEU, 2010, p. 30), deixando clara uma posição de diferenciação entre as culturas de classe. Um outro exemplo pode ser visto em Bourdieu (2012, p. 481), no qual ele se refere aos alunos dos subúrbios franceses pobres, como “[...] alunos menos preparados culturalmente” ou, ainda, “[...] mais desprovidos culturalmente” (BOURDIEU, 2012, p. 523). Ocorre, também, de Bourdieu (2012, p. 481), tomando a “cultura erudita” como referência, falar em “[...] meninos das famílias culturalmente desfavorecidas” ou, em oposição, referir-se a “[...] famílias social e culturalmente privilegiadas” (BOURDIEU, 2012, p. 507).

Do mesmo modo, Bourdieu (2007b, p. 108) refere-se a dois tipos de conhecimento, diferenciando-os: o “conhecimento comum” e o “conhecimento erudito”.

Diferenças nas disposições estéticas “erudita” e “popular”

Pode-se, em termos exploratórios iniciais, elencar algumas características que marcariam, distintivamente, segundo Bourdieu, a “cultura erudita”, revelando, de algum modo, seu alcance estético e epistemológico. Bourdieu anota, ao menos, dois critérios iniciais para se sugerir diferenças entre as estéticas “erudita” e a “popular”: o critério do “quantum” de história e o da “superioridade” em humanidade.

Quanto ao primeiro critério, o do *quantum* de história, Bourdieu (2010, p. 49) indica que haveria uma “diferença de nível” entre a “grande arte” (aquela que faz parte da “cultura erudita”) e as demais. Um critério ao qual recorre para definir o “nível”, é o do *quantum* de história que as obras, de cada uma das artes, carregam. Isto é, o quanto elas representam de acúmulo de história da arte feita antes delas, à

qual elas dão continuidade. Segundo Bourdieu haveria uma condição cumulativa na arte (nas plásticas, na poesia, na literatura, etc.) (BOURDIEU, 2010, p. 250). A medição, a “prova dos nove” desse acúmulo, aparece no desafio de acessar e apreciar tais obras.

Vê-se, por exemplo, uma diferença entre aquela obra “sem história” (obra inicial, primária, experimental, cópia, apenas reflexo da grande arte etc.), que é de apreensão imediata, direta, sem distanciamento e aquela, a da “grande arte”, que só é acessível se se domina toda a história da arte anterior, isto é, o contexto de sua produção, toda a série de dificuldades, de tentativas e refutações, das superações que foram necessárias para se chegar à forma atual. O caso da Ópera seria uma demonstração dessa ideia de nível: sem dominar tudo o que a cerca (contexto, referências históricas, personagens envolvidos etc.) não se a aproveita completamente.

Para justificar esse critério, Bourdieu destaca que as “obras eruditas” são “estruturas complexas”, marcadas pela referência à história da produção à qual se ligam. Está opondo essa característica, de “estrutura complexa”, àquela de “códigos mais simples”, base de confecção, por exemplo, dos produtos da indústria cultural.

As obras produzidas pelo campo de produção erudita são obras ‘puras’, ‘abstratas’ e esotéricas. Obras ‘puras’ porque exigem imperativamente do receptor um tipo de disposição adequado aos princípios de sua produção, a saber, uma disposição propriamente estética. Obras ‘abstratas’ pois exigem enfoques específicos, ao contrário da arte indiferenciada das sociedades primitivas, e mobilizam em um espetáculo total e diretamente acessível todas as formas de expressão, desde a música e a dança, até o teatro e o canto. Por último, trata-se de obras esotéricas tanto pelas razões já aludidas como por sua estrutura complexa que exige sempre a referência tácita à história inteira das estruturas anteriores. Por este motivo, são acessíveis apenas aos detentores do manejo prático ou teórico de um código refinado e, conseqüentemente, dos códigos sucessivos e do código destes códigos. Destarte, enquanto que a recepção dos produtos do sistema da indústria cultural é mais ou menos independente do nível de instrução dos receptores (uma vez que tal sistema tende a ajustar-se à demanda) [...] (BOURDIEU, 2007c, p. 116-117, grifos nosso).

Em relação ao segundo critério, o da “superioridade” em humanidade, à pergunta se há algo intrínseco que faz a diferença qualitativa da “grande arte” (componente da “cultura erudita”), Bourdieu inicia sua resposta pela busca de algo universal na própria cultura. Uma primeira resposta ele encontra em Durkheim, na obra “Formas elementares da vida religiosa”, que sugere que se há algo de universal na cultura, este algo é a “ascese” – isto é, a ideia de autocontrole do corpo e do espírito, “a relação de domínio de si”, a capacidade de distanciamento do prático, dos dramas e das necessidades imediatas etc. Conforme Bourdieu (2010, p. 249) observa “En todas partes, la cultura se constituye contra la naturaleza, es decir, en el esfuerzo, el ejercicio, el sufrimiento. Todas las sociedades ponen la cultura por encima de la naturaleza”.

Em “A distinção” Bourdieu (2007b), referindo-se aos fatores condicionantes dos gostos, Bourdieu recorre a uma aproximação entre os critérios e características diferenciadoras entre os gostos “culto” e o “vulgar” propostos pela “teoria do gosto puro” e os princípios que marcariam, de fato, os condicionantes sociais do gosto. Conforme Bourdieu (2007b), a “teoria do gosto puro” supõe um “[...] corte mágico entre o transcendental e o empírico [...]”, sugerindo a ascese como sendo da natureza da arte e, conforme esse corte,

[o] mundo produzido pela ‘criação’ artística não é somente ‘outra natureza’, mas uma ‘contra natureza’, um mundo produzido à maneira da natureza, mas contra as leis comuns da natureza – as da gravidade na dança, as do desejo e do prazer na pintura ou escultura, etc. – por um ato de sublimação artística que está predisposto a desempenhar uma função de legitimação social: a negação da fruição inferior, grosseira, vulgar, mercenária, venal, servil, em suma, natural, contém a afirmação da sublimidade daqueles que sabem se satisfazer com prazeres sublimados, requintados, distintos, desinteressados, gratuitos, livres. A oposição entre os gostos naturais e os gostos opcionais introduz uma relação que é do corpo com a alma, entre aqueles que são apenas natureza e aqueles que, em sua capacidade para dominar sua própria natureza biológica, afirmam sua pretensão legítima para dominar a natureza social (BOURDIEU, 2007b, p. 453).

Provavelmente, Bourdieu recorre à exposição da “teoria do gosto puro” menos porque ela pode vir a cair muito bem, quanto à análise do gosto, como expressão ideológica do “racismo de classe” (BOURDIEU; PASSERON, 2015, p. 95), e mais porque ela, de algum modo, consegue captar, em termos analíticos, os principais fundamentos que marcariam os diferentes gostos: a “liberdade ou luxo” (no caso do “gosto erudito”) e a “necessidade” (no caso do “gosto vulgar”) (BOURDIEU, 2007b, p. 170).

Ficam assim permitidos, no texto de “A distinção”, dois usos dos elementos da “teoria do gosto puro”: um diz respeito a sua possível função ideológica de desclassificar o “gosto vulgar” por imputar a ele uma suposta essência que, de fato, não é essência, mas contingência e condicionamento dado pelas condições materiais de existência. Tal função ideológica tenta firmar uma naturalização das diferenças de gosto entre as classes. Por exemplo, a oposição entre a “forma” e a “substância”, ao ser percebida como instrumento de distinção e poder, funcionaria como instrumento ideológico (BOURDIEU, 2007b, cap. 1, Posfácio).

Outro modo de aproveitamento, por parte de Bourdieu, da “teoria do gosto puro”, visa, exatamente, utilizá-la para iluminar os aspectos que definem as diferenças de gostos relacionados às condições materiais de existência, manejando os princípios diferenciadores que ela propõe. Diferenças reconhecidas por Bourdieu como objetivas, materializadas no “modo de vida” das diferentes classes e frações de classe, e que se evidenciam nas análises dos “espaços dos gostos”, do “espaço dos consumos alimentares” e do “espaço dos corpos de classe”. Já aqui, a comparação dos diferentes gostos sugere alguma “superioridade” estética ao “gosto culto”, derivada das condições de liberdade que permitiriam sua expressão (BOURDIEU, 2007b, cap. 3).

A “teoria do gosto puro” destaca a característica da ascese como marca da “grande arte”, da “arte erudita”. No entanto, a vê abstratamente, enquanto essência ou como natureza própria dessa arte (BOURDIEU, 2007b, p. 453). Bourdieu, por sua vez, referenda a relevância dessa característica, mas a percebe como possibilidade ou

fruto de certas condições materiais de existência que a permitem, como o distanciamento em relação à “necessidade”, o “desinteresse”, o “desprendimento” etc.⁶

O verdadeiro princípio das diferenças que se observam no campo do consumo, e muito além dessa área, é a oposição entre os *gostos de luxo (ou de liberdade)* e os *gostos de necessidade*: os primeiros caracterizam os indivíduos que são o produto de condições materiais de existência definidas pela *distância da necessidade*, pelas liberdades ou, como se diz, às vezes, pelas *facilidades* garantidas pela posse de um capital, por sua vez, os segundos exprimem, em seu próprio ajuste, as necessidades de que são o produto. Assim, é possível *deduzir* os gostos populares pelos *alimentos* mais *nutritivos* e, ao mesmo tempo, mais *econômicos* – o duplo pleonasma mostra a redução à pura função primária – da *necessidade de reproduzir, ao menor custo a força de trabalho* que se impõe, como sua própria definição, ao proletariado. [...] O gosto é *amor fati*, escolha do destino, embora forçada, produzida por condições de existência que, ao excluir qualquer outra possibilidade como se tratasse de puro devaneio, deixam como única escolha o gosto pelo necessário (BOURDIEU, 2007b, p. 168-169, grifos do autor).

De fato, a condição primordial que permitiria a “ascese” seria a “liberdade”, promovida por condições materiais de vida específicas favoráveis a essa possibilidade. De qualquer modo, seria a “liberdade” que permitiria a expressão, na arte (ou melhor, nos produtos da cultura) das potencialidades humanas mais elevadas.

Com base na sugestão de que a maior ou menor “disposição ascética” seria um marcador importante a distinguir as diferenças de gosto entre as classes e frações de classe, Bourdieu (2007b, p. 12) apresenta, por exemplo, uma diferença entre a “estética popular” e aquilo que ele denomina “gosto puro”, mais próprio à “estética erudita” (“burguesa”), sugerindo ser a “estética popular” uma estética “em si” e não “para si”. Nesse sentido, no que se refere ao “gosto popular”, este estaria submetido ao círculo dentro do qual ele se constitui. Esse círculo teria como princípio

⁶ O capítulo 7 de “A distinção” (BOURDIEU, 2007b) mostra com clareza a ligação entre “necessidade”, “distância” em relação à necessidade e disposição estética. Ver, por exemplo, p. 352-353.

fundamental “[...] a escolha do necessário” (BOURDIEU, 2007b, p. 355-356) ou, ainda, o fato de que “[...] a resignação à necessidade está na origem do gosto de necessidade”.⁷

Quer dizer, a “estética popular” seria uma estética que priorizaria a “continuidade” entre a arte e a vida, o que implicaria, por exemplo, na subordinação da forma à função. Uma estética que mostraria preferências por expressões artísticas e experiências menos formalizadas, menos eufemísticas e preferências por aquelas obras que oferecessem satisfações mais diretas e imediatas. Uma estética que, em seus julgamentos sobre a obra de arte, priorizaria referências às normas da moral ou do decoro (BOURDIEU, 2007b, p. 43)⁸. Tudo isso contra o “desinteresse”, o “desprendimento”, o “prazer”, o “deleite”, o “distanciamento”, a “gratuidade” e a “ascese”, elementos mais próprios da “estética pura” (“burguesa”) (BOURDIEU, 2007b, p. 13).⁹

Ao aplicar às obras legítimas, os esquemas do *ethos* que são válidos para as circunstâncias comuns da vida, e ao operar, assim, uma redução sistemática das coisas da arte ou coisas da vida, o gosto popular e a própria seriedade (ou ingenuidade) que ele investe nas ficções e representações indicam o *contrário* que o gosto puro opera [,] uma suspensão ‘naive’ que é a dimensão de uma relação quase lúdica com as necessidades do mundo. Poder-se-ia dizer que os intelectuais [representantes do “gosto puro”] [acreditam] mais na representação – literatura, teatro, pintura – que nas coisas representadas, ao passo que o ‘povo’ exige, antes de tudo, que as representações e as convenções que as regulam lhe permitam acreditar ‘naivamente’ nas coisas representadas (BOURDIEU, 2007b, p. 12-13, grifo do autor).¹⁰

Bourdieu (2007b) observa, por exemplo, que variam, entre as classes sociais, as experiências quanto à “experimentação formal” frente aos tipos de “obra cultural” disponíveis:

⁷ Ver, também, Bourdieu (2007b, p. 54).

⁸ Para uma exposição detalhada da posição de Bourdieu (2007b) a respeito do tema, ver, p. 355-356.

⁹ Jordain e Naulin (2017, p. 108), por exemplo, corroboram com a interpretação sugerida até aqui a respeito da posição de Bourdieu quanto à análise das diferenças estéticas entre as culturas.

¹⁰ Ver, também, Bourdieu (2010, p. 47-48).

A hostilidade das classes populares e das frações menos ricas em capital cultural das classes médias em relação a qualquer espécie de experimentação formal afirma-se tanto em matéria de teatro quanto em matéria de pintura ou, de modo ainda mais nítido por ser menor sua legitimidade, em matéria de fotografia ou cinema. Seja no teatro ou no cinema, o público popular diverte-se com as intrigas orientadas, do ponto de vista lógico e cronológico, para um *happy end* e ‘sente-se’ melhor nas situações e nos personagens simplesmente desenhados que nas figuras e ações ambíguas e simbólicas ou nos problemas enigmáticos do teatro [...] (BOURDIEU, 2007b, p. 35).¹¹

Na caracterização da estética popular, Bourdieu (2007b) anota, ainda, o “princípio de conformidade”, única forma explícita “do gosto popular”. Tal princípio se manifestaria nas

[...] chamadas à ordem (‘quem ele pensa que é?’, ‘isso não é para pessoas como nós’), [que] além de terem o objetivo de incentivar as escolhas ‘razoáveis’, de qualquer modo, impostas pelas condições objetivas, contêm, igualmente, uma advertência contra a ambição de se distinguir pela identificação com outros grupos, ou seja, uma chamada à solidariedade de condição. E a diferença entre as práticas e as preferências culturais das diferentes classes deve-se, em uma parte importante, ao fato de que as oportunidades de encontrar, em sua vizinhança, o ‘mercado’ em que as experiências culturais e os discursos a seu respeito podem encontrar valor, variam, praticamente, como as oportunidades de viver tais experiências e, sem dúvida, contribuem em parte para determiná-las [...] (BOURDIEU, 2007b, p. 357).

Já no caso das classes dominantes e suas frações, as distinções que marcariam a oposição entre a cultura dominante e a cultura popular, poderiam ser explicadas nos seguintes termos:

Não é por acaso, como se vê, que a arte e a arte de viver dominantes estão de acordo em relação às mesmas distinções fundamentais: todas elas têm como princípio a oposição entre a necessidade bruta e brutal que se impõe ao comum, por um lado, e, por outro, o luxo como

¹¹ Ver, ainda, Bourdieu (2007b, p. 170).

confirmação da distância da necessidade ou a ascese como obrigação deliberadamente assumida, ou seja, duas maneiras opostas de negar a natureza, a necessidade, o apetite e o desejo; entre o desperdício desenfreado que faz lembrar, em negativo, as privações da existência comum e a liberdade ostensiva do gasto gratuito ou a ascese da restrição eletiva; entre o abandono às satisfações imediatas e fáceis, por um lado, e, por outro, a economia de meios, confirmação de uma posse dos meios à medida dos meios possuídos (BOURDIEU, 2007b, p. 237-238).¹²

Nesse quadro, “[...] os gostos de liberdade só podem afirmar-se como tais em relação aos gostos de necessidade que, deste modo, são levados à ordem da estética, portanto, constituídos como vulgares” (BOURDIEU, 2007b, p. 56).

Se se considera que o “distanciamento da satisfação, da necessidade imediata” poderia ser tomado como expressão ou característica do “gosto culto” (da “grande arte”), conforme o critério daquilo que seria universal na cultura (a ascese), faria sentido sugerir que o “gosto culto” seria, por sua vez, neste traço, “[...] superior em humanidade al gusto vulgar [‘al arte vulgar’]” (BOURDIEU, 2010, p. 249). Ou, ainda, seria possível indicar que “[...] el arte culto es más universal” (BOURDIEU, 2010, p. 250). Por exemplo, diz Bourdieu (2010, p. 249), quanto à disposição e apreciação estética, há os que vão ao Louvre para ver, nas obras, mulheres nuas e há os que vão para apreciá-las enquanto “arte”, isto é, representação artística da “beleza estética”.

Anote-se, ainda que, marcando com clareza sua leitura precavida da cultura popular, Bourdieu distingue, a suposta “cultura popular” daquilo que se denomina de “contracultura” popular.

Aqueles que acreditam na existência de uma ‘cultura popular’, verdadeira aliança de palavras através da qual se impõe, independentemente de nossa vontade, a definição dominante da cultura, devem perder a esperança de encontrar, se procederem a uma verificação mais sutil, algo além dos fragmentos dispersos de uma cultura erudita, mais ou menos antiga (à semelhança dos saberes ‘na área da medicina’), selecionados e reinterpretados, evidentemente, em função dos princípios fundamentais do *habitus* de classe e integrados na visão unitária do mundo que ele engendra e

¹² Ver, também, Bourdieu (2007b, p. 54-55).

não a contracultura invocada por eles, cultura realmente erguida contra a cultura dominante, cientemente reivindicada como símbolo de estatuto ou profissão de existência separada (BOURDIEU, 2007b, p. 369).

Segundo Bourdieu, apenas a linguagem parece permitir à “cultura popular” uma certa “autonomia” cultural um pouco mais clara ou um pequeno escape às lógicas da dominação cultural.

Não é por acaso que o único domínio da prática das classes populares em que o estilo em si tem acesso à estilização é o da linguagem, com a *gíria*, idioma de chefes e ‘maiorias’, que contém a afirmação de uma contra legitimidade, por exemplo, pela intenção de escárnio e dessacralização dos ‘valores’ da moral e da estética dominantes (BOURDIEU, 2007b, p. 369).

Apesar de não estar em pauta aqui uma crítica à posição de Bourdieu, que sugere aspectos positivos da cultura das classes dominantes em relação a outras experiências culturais, vale registrar a ressalva sugerida por Cancline (2019, p. 15) a esse respeito:

Coincidimos con Bourdieu en que el desarrollo capitalista hizo una fuerte autonomización del campo artístico y de los signos estéticos en la vida cotidiana, y que la burguesía halla en la apropiación privilegiada de estos signos, aislados de su base económica, un modo de eufemizar y legitimar su dominación. Pero no podemos desconocer que en las culturas populares existen manifestaciones simbólicas y estéticas propias cuyo sentido desborda el pragmatismo cotidiano. En pueblos indígenas, campesinos y también en grupos subalternos de la ciudad encontramos partes importantes de la vida social que no se someten a la lógica de la acumulación capitalista, que no están regidas por su pragmatismo y ascetismo ‘puritano’. Vemos allí prácticas simbólicas relativamente autónomas o que solo se vinculan en forma mediata, ‘eufemizada’, como dice Bourdieu de la estética burguesa, con sus condiciones de vida.

Diferentes disposições estéticas e cultura popular

Ao referir-se à produtividade do Trabalho Pedagógico (TP), Bourdieu e Passeron, no texto de “A reprodução” (1982), já apresentavam a hipótese do efeito das “urgências da prática” (necessidades imediatas) sobre a promoção ou a limitação das aptidões ligadas ao “domínio simbólico da prática”, sendo este mais próprio à cultura erudita.

Numa formação social determinada, o TP [Trabalho Pedagógico] primário ao qual estão submetidos os membros dos diferentes grupos ou classes repousa tanto mais completamente sobre a transferibilidade prática quanto suas condições materiais de existência os submete mais estreitamente à urgência da prática, tendendo assim a impedir a construção e o desenvolvimento da aptidão para o domínio simbólico da prática. [...] Se se admite que um TP está tanto mais próximo da pedagogia explícita quanto ele recorre mais à verbalização e à conceitualização classificatória, vê-se que o TP primário prepara tanto melhor os TP secundários baseados sobre uma pedagogia explícita quanto mais se exerce num grupo ou numa classe cujas condições materiais de existência lhe permitam mais completamente estabelecer suas distâncias relativamente à prática, isto é, de ‘neutralizar’ sobre o modo imaginário ou reflexivo as urgências vitais que impõe, às classes dominadas uma disposição pragmática (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 59, grifos nosso).¹³

Bourdieu e Passeron (1982) ilustram a diferença que afeta os grupos e classes sociais quanto ao “domínio simbólico das práticas” recorrendo, como exemplo, ao domínio da língua na ação pedagógica ou no campo artístico.

Vê-se por exemplo que a complexidade sintática da língua não é levada em conta somente na avaliação explícita das qualidades de forma que os exercícios de linguagem, redação ou dissertação hipoteticamente medem, mas também em toda avaliação de operações intelectuais (demonstração matemática tanto quanto decifração de uma obra de arte) que supõem o manejo de esquemas complexos para o qual estão desigualmente dispostos indivíduos dotados de um domínio prático da língua que predispõe desigualmente ao domínio simbólico em sua forma mais realizada (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 144, nota 12).¹⁴

¹³ Ver, também, excelente trecho sobre o tema em Bourdieu e Passeron (1982, p. 60).

¹⁴ Ver, ainda, Bourdieu e Passeron (1982, p. 129-130).

A utilização do critério da “ascese” para marcar uma das diferenças havidas entre a “cultura erudita” (“burguesa”) e a “cultura popular”, aparece também na avaliação que o autor faz das práticas pedagógicas no Ensino Secundário francês dos anos 1960, nas quais tal critério apareceria como um “princípio de classificação” aplicado em suas práticas pedagógicas.

[...] a representação das virtudes e da excelência escolar que orienta ainda as práticas pedagógicas no ensino secundário francês, mesmo científico, reproduz, [...] uma definição social de excelência intelectual e humana em que a inclinação genérica das classes privilegiadas para o culto das maneiras se especifica segundo as normas de tradição aristocrática de elegância mundana e de bom gosto literário perpetuada por um sistema de ensino impregnado de valores jesuíticos como a escala dos valores dominantes, a hierarquia escolar da aptidões organiza-se segundo as oposições do ‘brilhante’ e do ‘sério’, do ‘elegante’ e do ‘laborioso’, do ‘distinto’ e do ‘vulgar’, da ‘cultura geral’ e do ‘pedantismo’, em suma do desembaraço politécnico e do domínio técnico [...] (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 209-210).

Bourdieu e Passeron (1982, p. 223-224, grifo nosso), completam essas observações, acrescentando que

Esse sistema de oposições [...] não teria sem dúvida um tal rendimento classificatório e uma tal eficácia simbólica se não invocasse indiretamente a oposição entre teoria e prática em que se exprime a divisão fundamental entre o trabalho manual e o trabalho não manual. Privilegiando de maneira sistemática um dos pólos de uma série de oposições paralelas (com a primazia conferida às disciplinas teóricas, o culto literário da forma e o gosto do formalismo matemático ou a depreciação absoluta do ensino técnico), o sistema de ensino privilegia ao mesmo tempo os que tiveram o privilégio de receber de uma família relativamente isenta do pragmatismo imposto pelas urgências da necessidade econômica a aptidão para o domínio simbólico, isto é, sobretudo verbal, das operações práticas e a relação isolada, distante e ‘desinteressada’ com o mundo, com o outro e, portanto, com a linguagem e com a cultura que são exigidas pela Escola, muito particularmente quando se trata de adquirir disposições tão fortemente valorizadas quanto a disposição propriamente estética ou a atitude científica.

Contra o relativismo cultural e o “populismo estético”

Escrevendo a respeito da “ideologia carismática” (que sugere que o “gosto estético puro” decorre de uma capacidade mágica, de dom etc.) e comentando as diferenças entre o “olhar estético puro” (dos intelectuais) e o “olhar ingênuo” (popular), Bourdieu (2007b, p. 35) anota não subscrever um “relativismo estético”. Este autor, observa, por exemplo:

A tentação de emprestar a coerência de uma estética sistemática às tomadas de posição objetivamente estéticas das classes populares não é menos perigosa que a inclinação a deixar-se impor, sem seu conhecimento, a representação estritamente negativa da visão popular que se encontra na origem de qualquer estética erudita (BOURDIEU, 2007b, p. 35).

Reafirmando sua posição contra os “populismos estéticos”, Bourdieu (1982, p. 36-37) registra:

O desconhecimento do que a cultura legítima e a cultura dominada devem à estrutura de suas relações simbólicas, isto é, à estrutura da relação de dominação entre as classes, inspira tanto a intenção da cultura popular (‘populicultrice’) de ‘liberar’ as classes dominadas dando-lhes os meios de se apropriar da cultura legítima, tal como ela é, com tudo o que ela deve às suas funções de distinção e de legitimação (por exemplo, o programa das universidades populares ou a defesa jacobina do ensino do latim), quanto o projeto populista de decretar a legitimidade do arbitrário cultural das classes dominadas assim como ele é, constituído no e pelo fato de sua posição dominada, canonizando-o como ‘cultura popular’. Essa antinomia da ideologia dominada que se exprime diretamente na prática ou no discurso das classes dominadas (sob a forma por exemplo de uma alternância entre o sentimento da indignidade cultural e a depreciação agressiva da cultura dominante).

Durante entrevista realizada em Tóquio, em 1989, pensando na realidade do campo educacional japonês, Bourdieu deixa clara sua posição “universalista” contra os particularismos culturais – que, certamente, incluiriam elementos da “cultura dominada” – que se tentam, em alguns casos, impor como “hegemonia cultural” aos currículos escolares.

Me parece, en efecto, que en este momento en que Japón afirma su poder económico, y en el que, a veces, entre algunos intelectuales, se expresa la tentación de una hegemonía cultural basada en la afirmación de la ‘particularidad’ japonesa, los intelectuales progresistas tienen la responsabilidad de ‘enganchar’, si se puede decir así, la sociedad japonesa al universo y a lo universal. La discusión con el occidente universalista y racionalista, debe ser intensificada, y la educación, que en sus contradicciones, pero también en las posibilidades de acción que encierra, lleva en sí el futuro, debe ser uno de los centros de esta confrontación (BOURDIEU, 1998a, p. 161).

Para realizar tal propósito, aproximar o Japão da “universalidade ocidental”, Bourdieu (1998a, p. 161) sugere:

Deseo mucho que podamos organizar la circulación de los hombres y de las ideas, favoreciendo especialmente el otorgamiento de becas a jóvenes estudiantes y a jóvenes investigadores, animando la traducción de obras importantes, multiplicando las ocasiones de encuentro, emprendiendo investigaciones comunes o paralelas (en el cuadro, por ejemplo, de un centro de historia y sociología comparadas de los sistemas culturales y educativos).

Considerações finais

De acordo com o anotado anteriormente, a sociologia da cultura de Bourdieu (1983, p. 100-102) tem como preocupação central denunciar a condição das classes populares de “desapossamento” do capital cultural mais valorizado na formação social burguesa.

Na verdade, a relação que os membros das classes populares mantêm com a cultura dominante, literária ou artística, mas também científica, não é tão diferente da que eles mantêm com seu universo de trabalho. Excluídos da propriedade dos instrumentos de produção, eles são também desapossados dos instrumentos de apropriação simbólica das máquinas a que eles servem, não possuindo o capital cultural incorporado que é a condição da apropriação conforme (ao menos na definição legítima) do capital cultural objetivado nos objetos técnicos. É sob a forma da oposição entre a competência –

saber, a própria palavra o diz, que implica um poder – e a incompetência, entre o domínio prático e o domínio teórico, conhecimento dos princípios e dos discursos de acompanhamento, que eles sentem concretamente seu desapossamento.

Conforme os termos de Bourdieu (2010, p. 250), “[...] se puede decir que el arte culto es más universal. Sin embargo, las condiciones de acceso a ese arte universal no están distribuidas universalmente”. Desse modo, Bourdieu (2010, p. 250) revela que o que se tem é “[...] una jerarquía social fundada sobre las diferencias de cultura, diferencias según el grado de dominio de la cultura legítima o diferencias según la posición de los bienes culturales consumidos en la jerarquía de los géneros o de las obras”.

Sendo assim, as diferenças de gosto e práticas, havidas entre as classes sociais, deveriam ser entendidas a partir das condições de acesso à constituição das capacidades de apreciação e julgamento do estético.

El gusto es un producto de la historia; lo que no quiere decir que, por la lógica misma de la historia, no sea posible sustraerse a la historicidad. Simplemente, este universal sólo puede ser conquistado en la historia por gente que se apropia, al mismo tiempo, de las condiciones económicas y sociales de apropiación de lo universal. En resumen, lo universal es monopolizado de entrada. La ascesis, el esfuerzo, etc. están asociados al acceso a lo bello; es verdad. Pero se olvida recordar las condiciones de esta ascesis y se establece una diferencia de naturaleza entre los que son capaces de esta ascesis y los que están privados de esta capacidad de privarse libremente (quizás, simplemente, porque están privados a secas) (BOURDIEU, 2010, p. 251).

Está posta, aqui, a hipótese de que Bourdieu não questiona a legitimidade da cultura escolar (composta pela “cultura das classes dominantes”), consagrada à sua época, cujo conteúdo contemplava elementos da “cultura erudita” e do conhecimento científico. Para Bourdieu, a cultura escolar, para além de ser a “cultura das classes dominantes” ou a “cultura legítima”, fruto das lutas por classificação (BOURDIEU,

2020, p. 159), seria uma cultura cujo conteúdo teria grande valor epistemológico e estético, além de alto valor no mercado de bens simbólicos.¹⁵

É nesse sentido que Bourdieu (2010, p. 31) critica aqueles que praticam o que ele nomina “populismo estético”, isto é, aqueles que invocam “el gusto del pueblo” para condenar a arte moderna e o apoio estatal à divulgação desta arte, por exemplo, por meio da cultura escolar.

Decir, a propósito de la gente del pueblo, que no quiere el arte moderno, es bastante tonto. De hecho, eso no le concierne. Por que? Porque no se ha hecho nada para desarrollar en ella la *libido artística*, el amor al arte, la necesidad de arte, que es una construcción social, un producto de la educación (BOURDIEU, 2010, p. 32, grifo do autor).

Sendo assim, Bourdieu (2010, p. 250-251) sugere que, dos seus estudos que visam criticar o monopólio da “diferença cultural” e o “fetichismo da cultura”, pode-se extrair um “programa humanista” de formação cultural, baseado na busca pela democratização do “universo do prazer estético”¹⁶ para que deixe de ser justificável e justificada a distribuição desigual e legitimadora de *status* que marca o quadro das preferências e práticas culturais.

Si las condiciones de acceso al ‘gran’ arte son sólo un asunto de virtud o de don, la distribución actual de las preferencias y de las practicas es, a la vez, justificada y justificadora. De hecho, la universalidad de los estetas es producto del privilegio; tienen el monopolio de lo universal. Y se trata de luchar por universalizar el acceso a lo universal (BOURDIEU, 2010, p. 251, grifo nosso).

¹⁵ Para uma ideia da valorização que Bourdieu faz da “cultura erudita” e do conhecimento científico, ver os dois documentos (BOURDIEU *et al.*, 1986, BOURDIEU *et al.*, 1990) com os quais contribuiu visando reformas no sistema educacional francês.

¹⁶ Ver, também, Bourdieu e Passeron (2015, p. 92).

Bourdieu denunciava o falso caráter democrático da escola. Ele gostaria que esta fosse democrática de fato. Isto é, que o fosse para oferecer a todas as crianças e jovens possibilidades reais de acesso ao “capital cultural”, ou seja, à “cultura erudita” e ao conhecimento científico.

La existencia de una relación tan brutal entre la instrucción y la frecuentación de los museos basta para demostrar que sólo la escuela puede crear o desarrollar (según el caso) la aspiración a la cultura, incluso la menos escolar (BOURDIEU, 2010, p. 43).

Essa é sua defesa de uma escola verdadeiramente democrática para os alunos das classes populares. Até porque, como registraram dois colaboradores de Bourdieu no livro *A miséria do mundo*, “[...] os alunos pouco dotados de bagagem cultural [erudita], [por causa disso] têm mais coisas para aprender na escola” (BOURDIEU, 2012, p. 525).

Provavelmente, a reserva que Bourdieu demonstra, à vezes, em relação à oferta, na forma de conteúdo curricular, da “cultura legítima”, diz respeito àqueles conteúdos e maneiras da AP (Ação Pedagógica) dominante que carregam os efeitos diretos ligados à distinção, à legitimação e à dominação entre grupos e classes sociais. É razoável a hipótese de que ele não está a falar contra a possibilidade de as classes dominadas se apropriarem de elementos da “cultura legítima”.

Bourdieu parece mais é querer alertar para o desconhecimento quanto aos efeitos ideológicos da “cultura dominante” sob controle das APs dominantes. Talvez, uma alternativa fosse garantir sim a apropriação de elementos da “cultura legítima” às classes populares/dominadas, mas numa alternativa de AP (forma e conteúdo) desmistificada e, em razão disto, reorganizada, quanto aos aspectos ideológicos. Quer dizer, uma apropriação crítica do conteúdo da “cultura dominante”, enfim.

Vê-se que Bourdieu também não é condescendente com certa versão “populista” que denegaria a “cultura legítima” e canonizaria a “cultura popular” como ela é, sem críticas, sem ressalvas, sem seleção. Ou seja, nem uma, nem outra “como

elas são” na atual relação de forças. Mas ambas, sob novo arranjo. Por certo, Bourdieu está a falar de uma “apropriação crítica” dos conteúdos de ambas.

Referências

BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, Pierre. *Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

BOURDIEU, Pierre *et al.* Proposições para o ensino do futuro. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, n. 67, p. 152-169, jan./abr. 1986.

BOURDIEU, Pierre *et al.* Principios para una reflexión sobre los contenidos de la enseñanza. *Revista de Educación*, Madrid, n. 292, p. 417-425, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *Capital cultural, escuela y espacio social*. Tradução de Isabel Jimenez. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 1998a.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos sobre educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998b.

BOURDIEU, Pierre. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Porto Alegre: Zouk, 2007a.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007b.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007c.

BOURDIEU, Pierre. *El sentido social del gusto: elementos para una sociologia de la cultura*. Tradução de Alicia Gutiérrez. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.

BOURDIEU, Pierre (coord.). *A miséria do mundo*. Tradução de Mateus S. Soares Azevedo *et al.* Petrópolis: Vozes, 2012.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2015.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia geral: lutas de classificação*. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2020. v. 1.

CANCLINE, Néstor Garcia. *La sociologia de la cultura de Pierre Bourdieu*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2019. Disponível em: http://sgpwe.izt.uam.mx/files/users/uami/ana/NGC_La_sociologia_de_cult_P_Bourdieu.pdf. Acesso em: 4 set. 2019.

JOURDAIN, Anne; NAULIN, Sidonie. *A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos*. Tradução de Francisco Morás. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

SNYDERS, Georges. *Escola, classe e luta de classes*. Tradução de Maria Helena Albanan. Lisboa: Ed. Moraes, 1977.

SNYDERS, Georges. *A escola pode ensinar as alegrias da música?*. Tradução de Maria Felisminda de Rezende e Fusari. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Cultura dominante, cultura escolar e multiculturalismo popular. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1994.

Recebido em: 26 de janeiro de 2022

Aceite em: 19 de novembro de 2022